

O conhecimento afetivo em Tomás de Aquino

Arthur Heller Britto¹

Resumo

O presente trabalho pretende apresentar uma visão geral do lugar, na obra de Tomás de Aquino, de uma espécie particular de conhecimento que, não obstante tenha como objeto aquilo que é divino, é apresentado de forma análoga às paixões da alma. Para isso, serão analisadas as passagens nas quais esse tipo de conhecimento é apresentado e, principalmente, a passagem recorrente que diz respeito ao conhecimento de Hieroteu das coisas divinas.

Palavras-chave: sentidos, paixões, conhecimento.

Affective knowledge by Thomas Aquinas

Abstract

This Paper aims at presenting, in Tomas Aquinas' Work, a general view regarding to the place – “locus” – concerning a knowledge particular kind that, in spite of having as object that one which is divine, is presented as something analogous to the passions of the soul. For this purpose we shall discuss excerpts which this kind of knowledge is presented in and mainly the recurrent one which relates to Hieroteu's knowledge of the divine things.

Key-words: senses, passions, knowledge.

No primeiro argumento do artigo terceiro da questão 22 da Iª parte da IIª parte da *Suma de teologia*, que trata da proeminência da paixão no apetite sensível ou no inteligível, Tomás de Aquino se vale de uma passagem de Dionísio sobre Hieroteu, segundo a qual esse, “ensinado por uma diviníssima inspiração, não só aprendeu as cousas divinas, como teve paixão delas.” O argumento segue, então, de forma a concluir que a paixão está mais no apetite inteligível ou na vontade, dizendo que uma tal paixão divina não se pode dar no apetite sensível, mas somente naquele. Essa conclusão não se encontra em consonância com a posição do próprio Tomás de Aquino, para o qual a paixão se encontra mais no apetite sensível, pois paixão, num sentido estrito, dá-se apenas com modificação corporal. Todavia, mesmo explicando

na resposta ao primeiro argumento que, no caso citado por Dionísio, não haveria transmutação corporal e, portanto, propriamente paixão, Tomás de Aquino ainda chama aquilo experimentado por Hieroteu de “paixão do divino” e diz que essa paixão seria um “afeto pelas coisas divinas e união com elas pelo amor”. Nessa situação, será possível reconhecer um tipo de “conhecimento” que poderá ser chamado de “conhecimento afetivo” e que, mesmo sendo uma atividade do intelecto, terá uma dimensão “sensível” de união afetiva com o seu objeto, que, por esse motivo, será dado nessa atividade do intelecto tal como é em si e não de acordo com o modo do cognoscente. Esse conhecimento, não obstante, será aquela sabedoria mais alta a ser almejado pelos homens, a saber, a sabedoria que é dom do Espírito Santo.

Tomás de Aquino ordena as faculdades humanas colocando as faculdades sensíveis, tais como os sentidos e o apetite sensível em um nível de importância inferior àquele das faculdades intelectivas, tais como o conhecimento intelectual e a vontade. Por esse motivo, parece estranho o estabelecimento dessa sabedoria, cuja descrição está permeada de termos sensoriais como gosto e sabor e de termos relacionados às paixões como afinidade e união afetiva, como o nível de conhecimento mais alto a que os homens podem almejar. O que procuraremos mostrar é, então, um esboço de como Tomás de Aquino trata esse tipo de conhecimento na sua obra e explicar a estranheza que esse aporta com respeito à hierarquia das faculdades presente na obra daquele.

Ao tratar da possibilidade da teologia como ciência na primeira questão da Iª parte da *Suma de Teologia*, Tomás de Aquino se pergunta se essa doutrina, a teologia, seria uma sabedoria (a. 6). Então, para responder ao terceiro argumento que corroboraria a posição segundo a qual ela não seria uma sabedoria, ele se utiliza de uma distinção entre dois tipos de juízos e, conseqüentemente, entre dois tipos de sabedoria, às quais corresponderiam aqueles tipos de juízos. Assim, ele diz que

pode-se julgar por inclinação: como quem possui um *habitus* virtuoso julga com retidão o que deve ser feito na linha desse *habitus*, estando já inclinado neste sentido. (...) Mas existe uma outra maneira de julgar,

a saber por conhecimento: como o instruído em ciência moral pode julgar os atos de uma virtude, ainda que não a possua. A primeira maneira de julgar quanto às coisas divinas é própria da sabedoria, dom do Espírito Santo (...). A outra maneira de julgar pertence a esta doutrina e é conseguida pelo estudo, ainda que seus princípios lhe venham por revelação².

Assim, estabelece-se logo no princípio uma distinção entre uma sabedoria que julga sobre algo com fundamento no conhecimento desse algo, i. e., na medida em que o objeto do seu juízo está presente em quem julga ao modo daquele que conhece, e uma sabedoria que julga sobre algo com fundamento em uma inclinação na direção daquilo sobre o que se julga, i. e., na medida em que aquele que julga se encontra em uma situação de união afetiva ou simplesmente não racional – ou não cognitiva – com o objeto do juízo. No exemplo particular de Tomás de Aquino, aquele que possui um *habitus* virtuoso julga corretamente sobre o que está em consonância com esse *habitus*, pois ele possui esse em si como inclinação e não somente como objeto conhecido. Como se pode imaginar, iremos identificar aquilo que chamamos de conhecimento afetivo³ a essa forma de sabedoria. De maneira muito significativa, então, e de modo a corroborar nossa última asserção, notamos que um exemplo apresentado por Tomás de Aquino nesse momento, com respeito a essa última forma de sabedoria, é exatamente a mesma passagem dos *Nomes Divinos*, de Dionísio, sobre Hieroteu, com a qual iniciamos o presente texto e a partir da qual todo o problema com o qual nos confrontamos proveio.

Vemos, assim, a importância dada por Tomás de Aquino a essa passagem de Dionísio no que concerne ao problema do conhecimento afetivo. Dessa forma, passamos a analisar o comentário feito por aquele a essa passagem nos *Comentários aos Nomes Divinos*. Lá distinguem três modos através dos quais Hieroteu teria adquirido seu conhecimento. Em primeiro lugar, ele o teria aprendido dos Apóstolos; em segundo lugar, ele o teria feito mediante seu próprio estudo das Escrituras; no entanto, o modo que aqui nos interessa é o terceiro, que, segundo Tomás de Aquino, em seus *Comentários aos Nomes Divinos*,

é que lhe foi ensinado o que disse por *certa inspiração mais divina* do que comumente se faz a muitos, *não apenas aprendendo, mas também sofrendo o que é divino*, isto é, não apenas recebendo no intelecto a ciência do que é divino, mas também amando, a isto se uniu pelo afeto. De fato, a paixão parece pertencer mais ao apetite do que ao conhecimento, pois o que é conhecido está no cognoscente de acordo com o modo do cognoscente e não de acordo com o modo das coisas conhecidas, mas o apetite move para as coisas, de acordo com o modo pelo qual são em si mesmas e assim, como que se fixa nas próprias coisas. Ora, assim como alguém virtuoso é aperfeiçoado pelo hábito da virtude que tem no afeto, para julgar a respeito do que cabe a esta virtude, também aquele que se fixa no divino, recebe divinamente o juízo correto a respeito das coisas divinas⁴.

Assim, vemos, mais uma vez, descrita essa forma de sabedoria, que se funda não no conhecimento racional, mas na paixão e que, por esse motivo, abarca o seu objeto tal como ele é em si e não no modo daquele que conhece. De fato, o amor é o princípio de movimento do apetite⁵. Mas aquele tem como efeito uma união mútua entre amante e amado, que é mais forte que apenas a união por meio de semelhança dada no conhecimento. Assim, diz Tomás de Aquino que

o amor em si mesmo consiste nessa união ou vínculo. Por isso, Agostinho diz que o amor é quase “um laço que une ou tende a unir duas coisas, o amante e o amado”, referindo-se o *une* à união do afeto, sem a qual não há amor; e *tende a unir*, à união real⁶.

Portanto, seria absolutamente plausível que um tal estado de união proporcionasse um tipo de sabedoria superior àquele tipo proporcionado pela sabedoria fruto do conhecimento, pois toda sabedoria é, de certa forma, união.

Pareceria existir, aqui, todavia, uma inversão da ordem natural das coisas, na medida em que o afeto se tornaria fundamento para o conhecimento. Com efeito, no mesmo artigo citado acima, no qual Tomás de Aquino trata da união como causa do amor, ele diz que essa união do afeto

deve ser considerada pela apreensão que a precede, pois o movimento apetitivo segue-se à apreensão. Ora, sendo o amor de duas espécies, de concupiscência e de amizade, ambos procedem de certa apreensão de unidade entre o amado e o amante⁷.

Dessa forma, o afeto dependeria de uma apreensão do seu objeto, que não é outra coisa que o conhecimento desse objeto. Isso também se confirma no artigo 2º da questão 27, da mesma parte da *Suma de Teologia*, no qual Tomás de Aquino se pergunta se o conhecimento é causa do amor. De fato, lá diz ele que

[o] bem é causa do amor como objeto (...). Ora, o bem não é objeto do apetite senão quando apreendido. Logo, o amor requer uma apreensão do bem que se ama. (...) Desse modo, o conhecimento é causa do amor pela mesma razão pela qual o é o bem, que não pode ser amado se não for conhecido⁸.

Mas, então, como poderia algo ser igualmente causa e consequência de uma mesma coisa? Como poderia o amor tanto se fundar no conhecimento, quanto ser fundamento desse?

Na realidade, a resposta a essas perguntas já nos foi dada no início de nossa discussão, na medida em que distinguimos entre dois tipos de conhecimento, ou, mais precisamente, entre dois tipos de sabedoria, a saber, o conhecimento em sentido estrito, ou conhecimento especulativo, e o conhecimento afetivo. Nesse sentido, há uma passagem de Tomás de Aquino na segunda parte da segunda parte da *Suma de Teologia*, que é ainda mais esclarecedora, ele diz:

Há um duplo conhecimento da bondade ou vontade divina. Um especulativo. Quanto a este não é permitido duvidar nem pôr à prova se a vontade de Deus é boa ou se Deus é agradável. O outro é o conhecimento afetivo ou experimental da bondade ou vontade divina, quando alguém experimenta em si mesmo o gosto da doçura divina e o comprazer-se na vontade divina, assim como Dionísio diz de Hieroteu, no capítulo 2º dos *Nomes Divinos*, que foi instruído no que é *divino pela compaixão para com ele*. Somos admoestados para que ponhamos à prova a vontade de Deus e degustemos sua suavidade desta maneira⁹.

Notemos aqui, em primeiro lugar, a volta, ainda mais uma vez, à passagem dos *Nomes Divinos*, de Dionísio, para se referir ao conhecimento afetivo de Deus por parte de Hieroteu. Em segundo lugar, vemos que aqui se reafirma aquela distinção que fizemos acima entre dois tipos de conhecimento, aqui com a particularidade de se tratar especificamente do conhecimento da bondade ou da vontade divina. Essa particularidade é, no entanto, importante para a pergunta que tentamos responder. De fato, o conhecimento que funda o afeto não precisa necessariamente ser aquele conhecimento em sentido estrito, mas pode ser um conhecimento que é, na realidade, essencialmente inseparável do próprio afeto, na medida em que ele também só pode se dar por meio da união afetiva com o seu objeto. Assim, quando se experimenta a doçura da bondade divina, o que ocorre não é, em primeiro lugar o conhecimento dessa bondade e, em seguida, o amor que se fundamenta no reconhecimento dessa bondade, mas uma experiência dessa bondade que tem um momento de afeto e um momento de conhecimento mutuamente inseparáveis.

Finalmente, essa última passagem levanta, mais uma vez, a pergunta sobre o uso de um vocabulário sensível para descrever aquele que é tido por Tomás de Aquino como sendo o tipo mais alto de sabedoria, aquela que é dom do Espírito Santo. Como vimos, para ele, haveria uma hierarquia das faculdades humanas que passa das faculdades sensíveis como mais baixas às faculdades intelectivas como superiores. No entanto, ele também reconhece como necessário o

desenvolvimento do conhecimento humano que parte da sensibilidade primária e que caminha, a partir dela, para o inteligível; de forma que esse só se torna conhecido através daquela. Assim, é dito nos *Comentários aos Livros das Sentenças de Pedro Lombardo*:

Cumpra dizer que as operações da parte sensitiva são mais conhecidas para nós do que as operações da parte intelectual, porque nosso conhecimento começa pelo sentido e termina no intelecto. Mas, porque o que é menos conhecido, é conhecido a partir do que é mais conhecido, e os nomes são dados às coisas para torná-las conhecidas, por isso os nomes das operações da parte sensitiva são transferidos para as operações da parte intelectual e posteriormente do que é humano para o que é divino¹⁰.

É, então, a partir dessa transferência de vocabulário daquilo que nos é mais conhecido, a saber, o sensível, para o intelectual, que nos é menos conhecido e cujo conhecimento é derivado do conhecimento daquele cuja ubiguidade devemos compreender, como experiência, gosto, afeto etc., referidos ao conhecimento afetivo de Deus ou à sabedoria fruto desse conhecimento, que é tida por Tomás de Aquino como sendo um dom do Espírito Santo. E o propósito dessa transferência é salientar o caráter de imediato e de saída em direção a algo externo que caracteriza esse tipo de sabedoria, i. e., a sua diferença com respeito ao conhecimento em sentido estrito, que tem como característica principal a interiorização de seu objeto ou, em palavras mais próprias da tradição aristotélica, a recepção desse ao modo daquele que o conhece.

Notas

¹ Graduando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP.

² *S. Th.* I^a, q. 1, a. 6, ad 3^m. Todas as citações sem menção à obra serão da *Suma de teologia* de Tomás de Aquino, retiradas da tradução mencionada na bibliografia, com pequenas modificações.

³ Notamos que o presente uso do termo “conhecimento” é, de certa forma, metafórico ou, ao menos, *lato*, na medida em que, de maneira estrita, ele deve ser usado para designar exatamente o fundamento da primeira forma de sabedoria, que se encontra em oposição à sabedoria agora considerada.

⁴ Cap. II, lição IV, n. 191-192

⁵ “Há um apetite não conseqüente à apreensão do que apetece, mas à de outrem, e este se chama *apetite natural*. (...) Há, além disso, outro apetite conseqüente à apreensão do que apetece, mas por necessidade e não por um juízo livre, e tal é o *apetite sensitivo* (...). Enfim, há outro apetite conseqüente à apreensão do que apetece, por um juízo livre, e tal é o apetite racional ou intelectual, e este se chama *vontade*.

Ora, em qualquer desses apetites, chama-se amor o princípio do movimento que tende para o fim amado. No apetite natural, o princípio desse movimento é a conaturalidade do que apetece com o objeto para o qual tende, e pode ser chamado amor natural (...). Do mesmo modo, a mútua adequação do apetite sensitivo ou da vontade a um bem, isto é, um comprazer no bem se chama amor sensitivo, ou intelectual ou racional” (*S. Th. I^a II^{ae}*, q. 26, a. 1c.).

⁶ *S. Th. I^a II^{ae}*, q. 28, a. 1c.

⁷ *Ibid.*

⁸ *Ibid.*, q. 27, a. 2c.

⁹ *S. Th. II^a II^{ae}*, q. 97, a. 2, ad 2^m

¹⁰ Livro III, Distinção 26, q. 1, a. 5, resp., nn 70-73

Referências

AQUINO, Tomás de. **Commento ai Nomi divini di Dionigi**. Bolonha: Edizioni Studio Domenicano, 2004, v. 1.

_____. **Commento alle Sentenze di Pietro Lombardo**. Bolonha: Edizioni Studio Domenicano, 2000, v. 6.

_____. **Suma de Teologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2003 e 2005. vols. 1, 3 e 6.

NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro do. Invertendo a hierarquia. **Hypnos**, Ano 10, n. 15, 2^o Sem. 2005, p. 25-31.

Endereço para contato:

e-mail: arthurbritto@gmail.com